

# EX TROPICIS



INFORMAÇÕES AMBIENTAIS

## Calendário da Natureza

Novembro 91

Texto de Liana John

Em novembro o calor e a umidade se estabelecem em quase todo o Brasil, marcados pelo florescer vermelho dos flamboyants e mulungus em meio às pastagens, nas beiras de estrada, nas matas e cerrados nativos. A fartura de flores e frutos assegura a reprodução das aves e mamíferos. Os sapos e pererecas cantam chamando seus pares e dando ritmo à primavera, que faz encher os rios e alonga as horas do dia. A ausência de neve ou de um inverno marcadamente gelado faz de nossa primavera tropical uma festa de começo indefinido e ritmos diversos. Enquanto no Hemisfério Norte a fauna e a flora parecem explodir em uma semana, aqui nos trópicos a explosão é lenta e descompassada, vai ao sabor das chuvas, cada espécie envolvida num ritual desordenado. Assim a estação não é uma festa que explode toda em uma semana, mas um despontar de pequenas manifestações de vida ao longo dos meses.

Coordenado com o movimento das matas, o brilho da Via Láctea no meio do céu marca as noites de calor e céu claro de novembro. A leste, anunciando o verão que se aproxima, sobe lentamente Orion, a constelação símbolo da estação das águas.

No interior de São Paulo, Minas, Paraná e por onde quer que hajam postes, mourões e troncos de árvores em todo o cerrado, o joão-de-barro constrói sua casa de admirável arquitetura. Paciente, ele aproveita a terra amolecida pelas chuvas e cimenta o ninho que vai proteger os filhotes. Muitas vezes, o joão-de-barro aproveita ninhos antigos, construídos em outras primaveras e apenas reforma os estragos do tempo.

Onde os cerrados encontram-se com matas mais fechadas e onde a floresta ainda não foi muito perturbada pelo homem, em novembro se ouve o esturro das onças-macho, em fase de acasalamento. As pintadas (*Panthera onca*) são mais barulhentas. As suçuaranas (*Felis Puma concolor*) mais discretas. Mas todas estão agitadas e agressivas nesta época de caça às fêmeas.

Também nos cerrados, entre as fronteiras de Rondônia e o oeste paulista, os sapos-bufo (*Bufo paracnemis*) saem das tocas para acompanhar a vida. Grandes, feios e enrugados, do marrom ao verde, os bufos são os sapos mais comuns em todo o país. Aprenderam a conviver com o homem, atraídos pelas luzes das cidades e pelos milhões de insetos que essas luzes são capazes de atrair. Um bufo chega a comer cerca de 300 lagartas, besouros e cupins numa só noite.

No Nordeste, como as chuvas ainda não vieram, os sapos continuam na sua diapausa -- uma espécie de repouso sazonal. Já os lagartos teius, mais ativos, saem das tocas,

incentivados pela frutificação precoce de algumas plantas da caatinga, suficientes para atrair os animais de que se alimenta. Caçadores muito ativos, os teius adaptam-se rapidamente a qualquer cardápio, do ovo ao rato, passando por insetos, frutas e até mesmo filhotes de aves.

No sertão nordestino, apesar da ausência das chuvas, as primeiras plantas começam a florir timidamente. São, em geral, espécies que vivem ao longo dos poucos rios perenes, que têm disponibilidade de água para gastar energia no florescimento. Entre elas, destacam-se as trepadeiras dos gêneros *Ipomea* e *Merremia*.

Espalhados por todo o sertão, os umbuzeiros também se carregam, garantindo a sobrevivência de muitas espécies e sombra e frutas refrescantes aos viajantes. Os umbuzeiros conseguem frutificar em plena seca, graças às imensas reservas de água acumuladas nas raízes, que chegam a pesar dezenas de quilos. A sombra dos umbuzeiros não abriga apenas o homem e o gado, mas também alguns morcegos frugívoros, que se protegem embrenhados nos espinhos do umbu.

Em Fernando de Noronha, onde foram introduzidos inadvertidamente pelo homem, os teius fazem estragos consideráveis. São eles os responsáveis pela radical diminuição de aves residentes e migratórias, que fazem seus ninhos no chão, à mercê da gula dos teius. Atobás, gaivotas, viuvinhas, todas as aves litorâneas e marinhas estão hoje ameaçadas pelo lagarto, com exceção das poucas espécies que nidificam nos penhascos, em locais inacessíveis, como o belíssimo rabo-de-junco.

Por todo o país, amadurecem as frutas de novembro, disputadas por pássaros, mamíferos, peixes e crianças. Nas matas de galeria, plantadas à beira das represas, frutifica agora a grumixama (*Eugenia brasiliensis*), uma versão alongada e escura das cerejas temperadas. Com o cultivo de variedades tropicais de cerejas, mais resistentes e adequadas para venda nos mercados urbanos, a grumixama vem sendo gradualmente banida dos quintais e sítios do interior, mas ainda faz a festa de pássaros, roedores e alguns moleques do interior.

A grumixama, natural da Mata Atlântica de Santa Catarina, também é cultivada como essência florestal pelo rápido crescimento e porque possui madeira dura e branca, boa de ser trabalhada em tornos. Popularmente, tem reputação de planta medicinal: a casca e as folhas servem como diurético e contra diarreia e dores de estômago. Com os frutos se fabricam doces em massa, como a marmelada, ou uma bebida fermentada, uma espécie de licor, cuja receita também vem sendo esquecida nas casas de fazenda.

Para alegria das aves, novembro é, ainda, tempo de gabirola (*Campomanesia xanthocarpa*), manga (*Mangifera indica*) e das deliciosas jabuticabas (*Myrciaria cauliflora*), que, felizmente, ainda não têm substitutas estrangeiras nas bancas de feira-livre.

Nas matas, o amarelo dos ipês que persistiu até outubro é substituído pelas flores brancas do pau-de-viola (*Cytharexylon myrianthum*), do alfeneiro-da-china (*Ligustrum sinensis*) e de árvores do gênero *Cordia*. Entre estas, floresce o perfumado freijó, ao lado de trepadeiras carregadas de guirlandas, do gênero *Echites*.

O branco enfeita igualmente os cerrados mineiros, onde os angicos (*Piptadenia sp*) e arranha-gatos (*Acacia spp*) enchem-se de abelhas e mamangavas. Todo esse branco contrasta com o roxo dos jacarandás (*Machaerium sp*), que vão perdendo suas folhas para melhor exibir as flores.

Na margem direita do Rio Amazonas é tempo de cheia. As águas vão subindo e invadem as matas de várzea. Grandes peixes, como o pirarucu e o tambaqui, passeiam por entre troncos submersos, atrás das frutas que caem nas águas. Algumas espécies sobem os rios menores e igarapés para desovar nas cabeceiras, como no Pantanal, onde prossegue a festa da piracema.

Na margem esquerda do Amazonas, sobretudo nos rios que correm no sentido norte-sul e cruzam o Equador, as águas começam a baixar e os barcos de pesca preparam as redes. É que na cabeceira desses rios, no Hemisfério Norte, a estação é seca e os peixes começam a sair das matas inundadas (igapós) de volta ao leito dos rios, onde são presas mais fáceis para os pescadores.

Ao longo dos rios amazônicos de água preta, sob a linha do Equador, imensas pastagens inundadas chamadas zaruzaruzais começam a secar. Os pesados peixes-boi (*Tricherus inunguis*), que ali se alimentam durante as cheias, ficam em espaços mais restritos ou voltam ao leito dos igarapés, onde são cobiçados pelos caçadores. Os peixes-boi, apesar do nome, não são peixes, mas mamíferos, cuja carne é muito apreciada no interior da Amazônia. Dóceis e lentos, só têm em sua defesa a poderosa cauda com que movimentam o enorme corpo e ouvidos muito sensíveis, que detectam barulhos de motor a grande distância. Mas isso não tem sido suficiente, infelizmente, para livrá-los da morte que vem de canoa e arpão.

No Pantanal, recomeçam as inundações e os animais ficam menos concentrados em ninhais ou lagoas-dormitórios. Mesmo assim, é muito fácil encontrar famílias de veados, raposinhas e até tatus, tão difíceis de ver à luz do dia em qualquer outra região.